



**JORNAL
JUNTOS**

Nº 33 | ANO 9 | JUL/AGO - 2019
EDIÇÃO ESPECIAL 57º CONUNE

MAIS
EDUCAÇÃO
MENOS
ARMAS

**NOSSA
CORAGEM
É O MEDO
DELES**

SUMÁRIO

3. Nossa Coragem é o Medo Deles
4. Seguir Mobilizando Contra um Governo em Crise
6. Juventude Trabalhadora Em Luta Por Outro Futuro
8. Capitalismo e Crise: Queremos uma Saída Socialista
10. Socialistas e o Parlamento: Um Debate Necessário
12. Compreender Junho de 2013: Seis Anos Depois
14. Giro Internacional
16. Quem Foi Aço Nos Anos de Chumbo
19. Juntos Indica



EDITORIAL: A EDUCAÇÃO COMO NOSSA ARMA PARA VENCER

Por Camila Souza e Silvia Giese

Abrimos a 33ª edição do Jornal do Juntos em meio ao 57º Congresso da União Nacional dos Estudantes, o evento mais importante do movimento estudantil do último período. O CONUNE é atravessado por uma conjuntura cheia de ataques aos direitos da juventude e da classe trabalhadora, mas ao mesmo tempo cresce as grandes mobilizações em defesa da educação, da vida das mulheres e contra os governos conservadores em várias partes do mundo.

Há exatos 40 anos após a reconstrução da UNE, os estudantes realizam seu Congresso com um grande ato da educação em Brasília depois de construir semanas de fortes mobilizações de rua e assembleias estudantis. Nos dias 15, 30 de maio e no dia 14 de junho centenas de cidades foram tomadas por mobilizações protagonizadas pelos estudantes em conjunto com os setores da educação e da classe trabalhadora. Podemos afirmar que está em marcha no país uma luta de fôlego que polariza nossos livros versus o governo das armas, os estudantes versus Bolsonaro e Weintraub.

Essa luta seguirá, o governo Bolsonaro já demonstra muitas fragilidades e em menos de um ano sua rejeição já cresceu 30%. Ao passo que a crise capitalista no Brasil cresce, a juventude fica sem emprego, sem escola, sem comida, a única solução que o governo encontra é armar a população e tirar sua aposentadoria. Não aceitaremos outro futuro que não seja a liberdade de todas as opressões e a democracia real, queremos construir juntos essa luta, vamos?

EXPEDIENTE



NOSSA CORAGEM É O MEDO DELES!

Por Coletivo Universitário

CA mobilização dos estudantes é uma pedra no sapato do Governo Bolsonaro. O dia 15 de maio colocou milhões na rua contra os cortes de verbas na educação pública. O espírito de mobilização permanente organizou os estudantes de todo Brasil para dar continuidade a luta pela educação, com a construção do dia 30 de maio. Em defesa da educação e contra a reforma da previdência, o movimento estudantil se somou a construção da Greve Geral do dia 14 de junho. A marcha do dia 12 de julho em Brasília, poem os estudantes cara a cara com o governo para provar que nossa geração não permitirá o fim da educação pública no Brasil. O futuro exige coragem para seguir!

RA Mobilização permanente até vencer os cortes e derrotar o projeto de Bolsonaro. Temos o desafio, no dia 11 de agosto, Dia do Estudante, de construir um potente dia de luta em defesa da educação com unidade entre estudantes, técnicos, professores, pais, terceirizados e população civil. E no mês da Independência, temos a tarefa de demarcar a luta por uma sociedade justa, livre, sem censura, emancipatória.

GEM Em defesa da livre organização e entidades estudantis. Centros acadêmicos, DCE's e a UNE têm a obrigação de democratizar seus espaços, fazendo autocritica e criando novas práticas para se aproximar cada vez mais da vida dos estudantes. Por uma chapa unificada das oposições combativas para que a UNE radicalize as lutas construída a partir da base.

Por uma sociedade feminista, antirracista e LGBT. Organizar a unidade das lutas se mostra necessaria para construção de uma nova alternativa de sociedade que seja para os 99%. Com a cara da periferia, da cultura popular, dos povos originários, de Marielle Franco, a nossa luta derrotará o projeto anti povo de Bolsonaro.

David Miranda e Glenn Greenwald não estão sozinhos! Estamos Juntos! Com as revelações de The Intercept que evidenciaram as escandalosas conversas entre o Juiz Sérgio Moro e o procurador Deltan Dellagnol, uma onda conservadora e LGBTfóbica que tentam defender o governo Bolsonaro atacam o casal. Vamos lutar até o fim em defesa da liberdade midiática, de expressão e que as investigações do caso de Moro e Dellagnol prossigam. As LGBT's vão derrotar Bolsonaro!

A luta anticapitalista avança, o lucro não vai vencer nossos sonhos! A crise instaurada por esse sistema reafirma a necessidade da luta por um mundo sem muros e sem fronteiras, onde a circulação de mercadorias não valia mais que a vida das pessoas. É a luta da juventude anticapitalista que sonha com um mundo novo que vai construir um novo modelo de sociedade.

SEGUIR MOBILIZANDO CONTRA UM GOVERNO EM CRISE

Por Renata Moara do Juntos! PA e Júlio Câmara do Juntos! RS

Neste mês completa-se seis meses do governo Bolsonaro. Está fechando um semestre de instabilidade e crise em que o governo tem dificuldades de avançar com seus planos políticos e econômicos. A promessa de “acabar com todo ativismo” é a mais distante de ser cumprida diante da disposição de mobilização em defesa dos nossos direitos.

Impulsionado pelas máquinas da fake News, Bolsonaro chegou à presidência da república se apresentando como o rompimento com a velha política, dizendo que ia “acabar com tudo isso aí” através de um discurso ultrarreacionário e violento. No entanto, o que vem se provando a cada dia é que o governo Bolsonaro nada mais é que a continuidade de uma política de casta com uma possível mudança de qualidade no regime político que vem rompendo com o trato constitucional de 1988.

É fato que as ideias bolsonaristas atingiram diversos setores populares, mas também é certo que não está sendo tudo cômodo para Jair Bolsonaro. Desde as eleições, encontrou pelo caminho centenas de milhares de mulheres indispostas a aceitar um presidente misógino que protagonizaram em todo o país o movimento “Ele Não”. As mulheres avisaram que não seria fácil Bolsonaro comprimir a

promessa de acabar com todo e qualquer ativismo no Brasil.

Logo no primeiro dia de governo, Bolsonaro atacou os povos indígenas retirando a demarcação de terras da FUNAI e colocando no Ministério da Agricultura, medida que só traz benesses para os ruralistas e para o agronegócio. Com mobilização, o movimento indígena derrotou essa medida. Em janeiro, o movimento indígena, com toda sua força de resistência ancestral protagonizou o Janeiro Vermelho, um mês que ficou marcado com o primeiro suspiro de luta em 2019. E em abril, ocupou a Esplanada dos Ministérios com o Acampamento Terra Livre.

Bolsonaro suou a camisa com escândalos desde o início do mandato. Até hoje, Jair e Flávio Bolsonaro não esclareceram o papel de Fabrício Queiroz na organização político-familiar em relação às transições financeiras nitidamente compreendidas como lavagem

A Estação Primeira de Mangueira foi certa ao anunciar que chegou a vez de ouvir as Marias, Mahins, Marielles e Males no seu samba campeão que mostrou que a luta por justiça social e para defender nossas heroínas encontra apoio no povo. Ao contrário do que deseja o presidente, não queremos homenagear os ditadores e torturadores.

de dinheiro. Outro assunto que segue sem explicação e incomoda o clã Bolsonaro é a relação com os milicianos. Quando deputado estadual, Flávio Bolsonaro prestou homenagens a sete companheiros de batalhão do ex-capitão da PM Adriano Magalhães da Nóbrega, apontado pelo MP do Rio como chefe da milícia do Rio das Pedras e do chamado “Escritório do Crime”.



Além disso, por trás do assassinato de Marielle Franco está a atuação das milícias que se relacionam intimamente com o presidente. Ainda que já saibamos que o executor do homicídio foi o vizinho do Bolsonaro, seguimos na campanha por justiça para saber quem e porque mandou matar Marielle. A Estação Primeira de Mangueira foi certa ao anunciar que chegou a vez de ouvir as Marias, Mahins, Marielles e Males no seu samba campeão que mostrou que a luta por justiça social e para defender nossas heroínas encontra apoio no povo. Ao contrário do que deseja o presidente, não queremos homenagear os ditadores e torturadores. Encerramos o mês de março lembrando os 51 anos do assassinato de Edson Luís, estudante secundarista assassinado pela Ditadura Militar. Após as declarações de Bolsonaro de que devíamos comemorar os 55 anos do golpe civil-militar, o movimento estudantil mais uma vez se reergueu para gritar ditadura nunca mais!

Para consolidar um projeto estratégico no Brasil, o bolsonarismo trata o tema da educação com prioridade. Bolsonaro e seu conselheiro Olavo de Carvalho, sabem que é preciso desmontar a educação pública e consolidar um projeto anti-freiriano, uma educação acrítica. As indicações dos ministros da educação (Ricardo Velez, que já caiu e Abrahann Weintraub, que ainda derrubaremos) deixam nítido que a educação é alvo de uma profunda disputa ideológica em que precisamos combater a extrema-direita.

Weintraub mostrou a que veio ao anunciar 30% de cortes nas universidades e institutos federais e 20% no Ensino Básico. O levante dos livros foi a resposta estudantil a esse ataque. As manifestações dos dias 15 e 30 de março demonstraram que há disposição de enfrentamento e que o setor da educação é a vanguarda na luta contra o governo. Estamos numa luta por maioria da opinião pública que faz com

que as manifestações em defesa da educação extravasem com a adesão de setores democráticos das massas.

Do lado de lá temos um governo que carrega tudo que há de mais podre na política. Do lado de cá, os setores mais dinâmicos se mobilizam numa nova organização de movimento que precisa conquistar a maioria da sociedade para um novo projeto. A experiência das massas com a extrema-direita está avançando, coesionando uma pequena parcela, mas decepcionando a maioria. Da nossa parte, não queremos oferecer o que já foi testado e rejeitado. Não queremos o presente como está e nem o passado como era.

ATÉ VENCER



JUVENTUDE TRABALHADORA EM LUTA POR OUTRO FUTURO

*Por Ana Claudia Borguin jovem trabalhadora e sindicalista
do Metrô São Paulo e João Berkson, militante do Juntos! MG
e Professor de Física da Rede Estadual de Minas*

A crise econômica mundial provocada pelas contradições do próprio capitalismo vem sendo jogada nas costas da classe trabalhadora e em especial da juventude. Aqui no Brasil, por exemplo, a taxa de desemprego do país no final de 2018 entre os jovens era de 26,6%, enquanto que entre a população geral era de 12,4%. Segundo dados da OIT, estima-se que o Brasil tenha uma população jovem com uma taxa de desemprego duas vezes maior do que a média mundial.

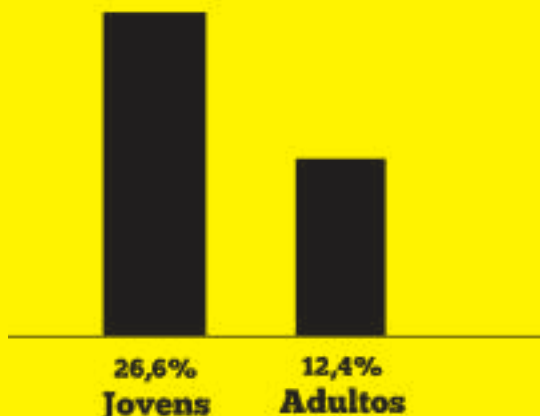
Neste quadro de crise, para seguir lucrando, os capitalistas buscam investir na retirada de nossos direitos e na destruição dos espaços de organização da classe trabalhadora, em especial os sindicatos.

Ainda segundo o mesmo relatório, as mulheres jovens tem uma participação 16,6 pontos percentuais menor na participação da força de trabalho do que os homens jovens. Esses dados revelam como vem sendo retirado da nossa geração o direito ao presente e ao futuro.

Neste quadro de crise, para seguir lucrando, os capitalistas buscam investir na retirada de nossos direitos e na destruição dos espaços de organização da classe trabalhadora, em especial os sindicatos. Medidas como a terceirização e a reforma trabalhista além de precarizar o trabalho e levar a uma tendência



DESEMPREGO



Diante da ofensiva da extrema-direita – representada pelo Governo Bolsonaro e demais Governos Estaduais com características autoritárias, é necessário que as estruturas sindicais voltem a cumprir um papel atrativo à nova classe trabalhadora que adentra o mercado.

geral de empregos com menores salários e mais informalidade, também tentam desmontar as formas de resistências da classe trabalhadora.


Nesse sentido a greve geral foi uma demonstração importante de força da classe em combate aos ataques que vem sofrendo. Mesmo com suas dificuldades, mostrou que existe espaço de construção e energia para lutar contra a destruição da nossa previdência e os ataques do governo Bolsonaro aos nossos métodos de organização. Os metroviários do Brasil inteiro e o setor da educação estiveram à frente da realização da greve geral. Não à toa são setores onde existe um peso maior de jovens lideranças, tanto nas direções, mas em especial nas bases.

Neste contexto, a unidade entre a juventude e a classe trabalhadora se torna fundamental. Observamos no último período significativas manifestações políticas da potência de organização das juventudes, desde a organização de Marchas da Maconha muito fortes, até a mais recente Parada do Orgulho LGBT de São Paulo que levou uma multidão às ruas, tendo como ponto alto as manifestações do dia 15 de maio e do dia 30 de maio onde milhões de estudantes do Brasil inteiro ocuparam as ruas contra os cortes da educação mas também tendo na mira o projeto de país reacionário e de guerra aos mais pobres promovido por Bolsonaro.

Diante da ofensiva da extrema-direita – representada pelo Governo Bolsonaro e demais Governos Estaduais com características autoritárias, é necessário que as estruturas sindicais voltem a cumprir um papel atrativo à nova classe trabalhadora que adentra o mercado. Sindicatos, Centrais Sindicais, Associações e movimentos de base, devem ser permeados por mais figuras jovens, que representem as atuais

lutas da classe, além de oferecer espaços mais democráticos de construção coletiva, que permitam transformar as tradicionais direções dos trabalhadores em polos de necessidade organizativa, buscando unidade com demais movimentos sociais e de juventude.





Por Fabiana Amorim do Juntos! RJ e Bruno Marques do Juntos! RJ

CAPITALISMO E CRISE: QUEREMOS

POR FABIANA AMORIM DO JUNTOS! RJ

Podemos dizer que vivemos hoje a maior crise do sistema capitalista em sua história. Trata-se de uma crise econômica aberta desde 2008 que ainda não se fechou; mas também política, com a deslegitimação popular dos regimes políticos e suas instituições; social, em que cada vez mais pessoas estão desempregadas ou trabalhando em empregos precários, aumentando todas as formas de violência social; ecológica, a partir da ampliação da emissão de gases do efeito-estufa, da contaminação das águas e da destruição das florestas; e de perspectiva de futuro, na qual aumentam os casos de problemas de saúde mental, especialmente na juventude negra, onde o índice de suicídio chega a ser 45% maior do que entre os jovens brancos. Acreditamos que, diante desse cenário, nossa única saída é lutar por uma sociedade que supere o sistema capitalista de conjunto, uma sociedade que não seja organizada pela busca do lucro acima de tudo. Vejamos o porquê disso.

Em 2017, uma pesquisa da Oxfam revelou que o 1% mais rico da popu-

lação mundial detinha 82% de toda a riqueza do mundo. Este estudo também apontava que somente 42 bilionários detinham a mesma riqueza que a metade mais pobre da população, que por sua vez sobreviveria com uma renda diária de 2 a 10 dólares (aproximadamente de 230 a 1160 reais mensais). No Brasil, em 2017, eram 15 milhões de pessoas que viviam com até 220 reais por mês (22% de um salário mínimo), e no ano passado nosso país retornou ao mapa da fome. E esta disparidade tem se tornado cada vez mais gritante no planeta: nas últimas décadas cresceram a concentração de renda e a desigualdade social, e a miséria se globalizou.

Neste cenário, uma das saídas aparentes para a crise é apresentada por partidos movimentos de uma nova extrema-direita, como Trump nos Estados Unidos, Duterte nas Filipinas, Erdogan na Turquia, e Bolsonaro no Brasil. Em geral, eles dizem que para resolver o problema do desemprego e da economia, há de se criar muros e expulsar imigrantes; que para resolver o problema da diminuição da arrecadação dos países, fruto da diminuição do

consumo, há de se vender patrimônios públicos, reduzir salários e retirar direitos trabalhistas. Seu programa está condensado na foto que chocou o mundo nas últimas semanas que mostrava os corpos de uma família de imigrantes encontrados nas margens do Rio Bravo, na fronteira entre o México e os Estados Unidos. Estes que buscam se apresentar como outsiders da nova direita são na verdade a pior face deste sistema capitalista.

Por outro lado, essa situação de crise tem levado o mundo a ebulições sociais desde o final de 2010 na forma de enormes protestos, greves, ocupações e até revoluções democráticas. Ainda que sem uma estratégia muito bem definida, essas mobilizações se chocam contra os planos da elite econômica mundial ao questionar a privatização dos espaços e serviços públicos, o aumento das tarifas de transporte, os enormes esquemas de corrupção, as políticas de austeridade, dentre tantas outras coisas. Também se chocam com a maneira pela qual esta elite mantém sua dominação política ao se contrapor a regimes autoritários, à violência policial nas

A photograph of a person with glasses and a yellow shirt, shouting with their mouth wide open and arms raised in a crowd. The background is slightly blurred, showing other people and trees. The overall atmosphere is one of a large-scale protest or demonstration.

MOS UMA SAÍDA SOCIALISTA

E BRUNO MAHIQUES DO JUNTOS! SP

periferias, e às tentativas de cerceamento das liberdades democráticas.

Por tudo isso, diferentemente daqueles que pregavam que a queda do Muro de Berlim em 1989 decretava o fim da história, onde a única via para a organização da sociedade seria o sistema capitalista, acreditamos que mais do que nunca é determinante discutir sobre a necessidade de derrotá-lo. Em outras palavras, isto significa lutar pelo fim da exploração do trabalho e da natureza, pela distribuição igualitária da produção e pela construção de uma democracia real.

Neste ano uma pesquisa feita pelo instituto de pesquisa Harris Poll apontou que quase metade dos jovens norte-americanos gostariam de viver em um país socialista. Mas o que afinal entendemos por socialismo? As experiências do dito “socialismo real” começaram com avanços importantes, como a socialização dos meios de produção, a democratização da participação popular nas decisões através do surgimento de conselhos de base, e enormes avanços nos direitos po-

líticos, sexuais e reprodutivos das mulheres. Entretanto, terminaram por privilegiar pequenas castas burocráticas que se estabeleceram no aparelho do Estado que acreditavam ser possível apresentar uma alternativa ao capitalismo que não fosse internacional, chegando inclusive a reprimir diversas insurreições que reivindicavam maior democracia, como foi o caso da Primavera de Praga em 1968. Em outros casos, houve experiências como o dito socialismo chileno, que acreditou ser possível superar as contradições do capitalismo sem uma revolução social, e acabou derrotado por uma das ditaduras mais sanguinárias da humanidade.

Queremos uma sociedade na qual o lucro não esteja acima da vida, que não beneficie o acúmulo de pouquíssimos enquanto mantém milhões abaixo da linha da miséria; que não aceite o genocídio e o encarceramento em massa da juventude negra; na qual as mulheres tenham assegurados seus direitos sexuais e reprodutivos; na qual a população LGBT possa ser e amar quem quiser; na qual as populações indígenas, ribeirinhas e quilombo-

las tenham direito às suas terras; que não caminhe para o esgotamento dos recursos naturais e das condições para a existência da vida na Terra; na qual as decisões sejam tomadas a partir de mecanismos de democracia direta.

Neste sentido, o socialismo não é um modelo pronto a ser copiado, mas um novo a ser construído a partir do protagonismo da juventude, das mulheres, da negritude, da população LGBT, dos povos originários, e da classe trabalhadora organizada, que têm questionado as contradições produzidas pelo capitalismo. Seu programa, por fim, deve conectar cada uma dessas lutas em torno da perspectiva de que é necessário derrubar o Estado e suas instituições, responsáveis por garantir a manutenção da dominação deste modelo que vive hoje uma crise sem precedentes, através de uma revolução que seja internacional que funde um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes, e totalmente livres.



SO
CIA

LISTAS

**E O PARLAMENTO:
UM DEBATE NECESSÁRIO**

Por Bernardo Correa, fundador do Juntos!

A luta que fazemos todo dia pela transformação da sociedade é essencialmente uma luta política. Desta afirmação muitos ativistas podem tirar conclusões parciais e, em última, equivocadas. A primeira confusão pode levar alguém a afastar-se da batalha diária em defesa de seus direitos por não querer sentir-se usado por parlamentares politiquinhos ou partidos que aparelhem o movimento. A segunda, igualmente grave, transforma toda a atividade reivindicativa do movimento em “trampolim político” e acredita que o terreno eleitoral e parlamentar é o que realmente muda a vida.

O Juntos! tem hoje três deputadas/os federais do PSOL (Sâmia Bomfim, Fernanda Melchionna e David Miranda) que não só representam as ideias e lutas que o coletivo impulsiona, como foram fundadores e/ou militantes dele. Além disso, inúmeros deputados estaduais e vereadores pelo país colaboram com o Juntos, como a atual Deputada Estadual Luciana Genro, que concorreu às eleições presidenciais levando o nosso programa. Mas afinal para que serve o parlamento e luta política na perspectiva de uma juventude indignada, combativa e revolucionária?

Em primeiro lugar, é preciso dizer que os mandatos parlamentares não são um fim em si mesmo, nem o objetivo final do movimento e, tampouco, o espaço das grandes transformações. O parlamentarismo é uma forma determinada de Estado, é um regime político. O Congresso Nacional, ao contrário do que se diz, não é a “casa do povo”, mas uma casa das elites que concede alguns espaços a representantes populares como necessidade de legitimação dos seus próprios interesses de classe. Em segundo lugar, precisamos reconhecer a importância de conquistar postos naquele lugar onde nenhum laiaio

dos ricos gostaria que tivesse um dos nossos, e saber como usá-los a favor das nossas lutas e reivindicações.

Nossas lutas começam muitas vezes por questões mais particulares que podem ser de conteúdo democrático, por mais liberdades ou econômico, por melhores condições de trabalho, salário... Mas para que de fato essas questões se resolvam, para que nossas palavras de ordem se realizem, é preciso que as ideias ganhem força de massas e, portanto, adquiram um caráter eminentemente universal. É essa lógica que impõe a necessidade de que o movimento social seja levado à luta política. Não é nem um sentido oportunista de utilização do movimento para interesses da politicagem e nem um crescimento linear do movimento social que naturalmente garantem o passo político da luta. Isso é antes de tudo uma necessidade histórica. O partido, que traz em si a tarefa de luta pelo poder, deve ser a síntese das parcialidades dos diferentes movimentos sociais e suas demandas, oferecendo por consequência um programa que une as necessidades imediatas, via de regra expressa pelos movimentos,



Esta ação parlamentar que consiste, essencialmente, em utilizar a tribuna parlamentar para fazer a agitação revolucionária, para denunciar as manobras do adversário, para agrupar em torno de certas ideias as massas prisioneiras de ilusões democráticas e que, sobretudo nos países atrasados, voltam ainda os seus olhares para a tribuna parlamentar, esta ação deve estar totalmente subordinada aos objetivos e às tarefas da luta extraparlamentar das massas.

(Resolução do 3º Congresso da III Internacional)

sindicatos, DCEs, etc. com a luta geral, histórica, pela tomada do poder político pelos trabalhadores e a juventude. Por isso mesmo o Juntos ocupa a política e constrói seus próprios representantes que atuam como trincheiras dos 99% no campo minado pelos interesses do 1% mais rico.

Dito isso, é preciso localizar o perfil político que corresponde a tais necessidades. Os parlamentares da ordem são conhecidos por seus discursos. Belas palavras que, na maioria das vezes, escondem interesses bem mais feios. Os nossos mandatos não servem apenas para grandes discursos e, muito menos para discursos mentirosos. Nossos mandatos utilizam as tribunas para reverberar e amplificar as demandas do movimento e denunciar os negócios feitos no andar de cima contra o povo. Além disso, são espaços de afirmação da luta das mulheres, das LGBTQs, das negras e negros, da juventude e dos trabalhadores ajudando para elevar o patamar de consciência e organização do povo para mudar a correlação de forças defensiva que marca a situação política brasileira.

COMPREENDER JUNHO DE 2013: 6 ANOS DEPOIS

Por Pedro Serrano, fundador do Juntos!

Completamos seis anos das manifestações de junho de 2013. Para quem estava na rua desde o primeiro protesto, em 6/6 em São Paulo, quando éramos ainda poucos milhares desafiando o aumento da tarifa imposto por políticos poderosos, era impossível prever o Brasil de 2019. Um país que mudou tanto, em certos aspectos, mas que continuou parecido, em outros.

De lá pra cá, a crise se desenvolveu num turbilhão, e os problemas estruturais do país, inclusive aqueles denunciados pelos manifestantes, não foram solucionados.

As manifestações de 2013 representaram, no Brasil, a retomada da ação de massas, na esteira de outros protestos que ocorriam no mundo. Foi o evento mais potente em nosso país desde, pelo menos, os protestos pelo impeachment de Collor ou pelas Diretas Já.

Entretanto, hoje, muitos tentam diminuir a importância daquela revolta ou atribuir a ela a responsabilidade pelos problemas do presente. Entre os primeiros atores, estão a mídia e os setores burgueses da política, sempre receosos com uma reedição dos protestos “incontroláveis” da época. Já entre os que

atacam o significado das lutas de 2013, encontramos vários setores da “esquerda”. Estes, quase sempre, se apegam a uma visão falha da história, impressionados com o fato de que o estado de coisas piorou no Brasil de então até agora.

Por que isso ocorre? No mundo todo, os séculos XX e XXI marcam experiências de adaptação da esquerda aos parâmetros do Estado e da política burguesa. Muitos partidos socialistas, quando chegam ao poder, acabam governando em benefício da classe dominante e não dos excluídos, e nessa condição condenam insurreições populares e manifestações de massa.

Na visão deles, enquanto governam, mudanças sociais profundas são impossíveis, e tudo o que se pode almejar são “pequenas conquistas” dentro de um quadro de estabilidade, com concessões aos debaixo enquanto são mantidos os privilégios dos de cima. Logo, os que desobedecem essa lógica são taxados de “irresponsáveis” ou “aventureiros”.

É com essa lógica que alguns condenam, de maneira mais ou menos explícita, o levante de 2013, atribuindo a ele a culpa pelo início de

uma era de instabilidade no Brasil, que levou à queda da Dilma e à eleição do Bolsonaro. Trata-se de uma injustiça e de uma falsificação histórica. Além disso, é também uma receita pra derrota.

Afinal de contas, faz sentido pensar que os culpados pelos problemas do Brasil seriam os jovens que foram às ruas aos milhões reivindicar pautas como saúde e educação de qualidade pra todos, redução das tarifas, fim da violência policial-militar, combate à manipulação da mídia ou investigação da corrupção nas obras superfaturadas da Copa do Mundo? E detalhe: mais culpados do que governos de muitos partidos, inclusive do PT, que detinha a presidência da república, que não fizeram nada além de ignorar ou mesmo reprimir as manifestações, ao invés de se apoiar no caráter progressivo delas pra mudar o Brasil?

O dia em que pensarmos assim, estará acabada a possibilidade de construção do poder popular e de uma sociedade livre, pois isso depende da participação do povo e não do apoio passivo deste a governos que sejam “razoáveis”.

Como todo evento histórico, junho

“Precisamos de novos “junhos de 2013”. Aqueles que a isso se opõem podem até disfarçar, mas estão bem mais próximos dos interesses de nossos inimigos do que dos nossos.

de 2013 teve limitações. Por exemplo, a falta de uma organização e de um programa sólidos pra fazer avançar a luta de forma consciente, sem perder a espontaneidade. Mas os aspectos progressivos superaram os negativos.

Com aquele levante, a luta de classes se reaqueceu e fenômenos, antes impensáveis, tornaram-se frequentes: o levante dos secundaristas que ocuparam as escolas, greves inéditas como as dos garis do RJ, a primavera feminista imparável, as marchas por “ele não”, o recente “tsunami da educação” e até o triunfo, em eleições burguesas, de figuras antissistêmicas, como nossos deputados Sâmia Bomfim, Fernanda Melchionna e David Miranda.

A luta se acirrou e aumentaram também os perigos, a organização da direita e sofremos derrotas, sendo a maior delas a chegada de Bolsonaro ao poder. Mas o que a história nos ensina é que não existe solução para os problemas da humanidade por fora do enfrentamento direto e da mobilização de massas. Cabe a nós valorizar as experiências feitas, aprender com elas e nos organizar pra fazer melhor, com mais força, consciência e organização.

Precisamos de novos “junhos de 2013”. Aqueles que a isso se opõem podem até disfarçar, mas estão bem mais próximos dos interesses de nossos inimigos do que dos nossos.

GIRO INTERNACIONAL

**POR ERICK ANDRADE, DO JUNTOS! DF
E THAIS BUENO, DO JUNTOS! SP**

O ano de 2019 começou de uma maneira muito diferente do que os anos que o antecederam. Os processos começados em 2018 continuaram a se desenrolar em 2019: representantes de extrema direita seguiram sendo eleitos no mundo; as mortes de migrantes não cessaram; e a crise econômica, social e política não foi solucionada - pelo contrário, as crises só se aprofundam. Por outro lado, os movimentos políticos que marcaram 2018 seguiram firmes e crescendo, como os movimentos feministas, LGBTQs, negros e pelas liberdades democráticas. O ponto comum entre eles? São movimentos sem direções políticas nítidas, porém, que tem deixado sua marca na história e desestabilizado os poderosos ao redor do mundo!



AFRICA

SUDÃO

Desde dezembro de 2018 o povo está nas ruas por uma transformação radical no regime. Em abril deste ano, o ditador al-Bashir foi destituído. Desde então, os protestos - liderados pelas mulheres e estudantes, em especial, - continuam em defesa de um regime civil instituído democraticamente. Os embates com os militares, que estão atualmente no poder, já mataram centenas de manifestantes.

ARGÉLIA

O que começou com protestos contra o presidente, ganhou proporções imensas no ato do 8 de março e se transformou numa verdadeira rebelião popular que obrigou Abdelaziz Bouteflika a renunciar. Assim como no Sudão, a jornada de mobilizações pede a queda de todo o regime com democracia real!

HONG KONG

Sob muita repressão, milhares foram às ruas em Hong Kong por mais democracia e contra o projeto que quer aprovar a extradição para a China de pessoas detidas em Hong Kong.

JAPÃO

A reunião do G20, em junho, foi recebida com uma semana inteira de protestos. Diversos ativistas protestaram contra a extração selvagem de carvão no Japão e levantaram palavras de ordem pelo 'Fora Trump'



ASIA



EUROPA

SUIÇA

Ainda em janeiro, os presidentes Jair Bolsonaro e Benjamin Netanyahu foram recepcionados no Fórum Econômico Mundial por fortes atos da população suíça que entoava com todas as letras: "Não são bem vindos!". Pouco tempo depois, as greves em defesa do clima parou o país e tinha como reivindicação central a mudança do sistema capitalista e, não, do clima. O semestre foi encerrado com a maior greve feminista da história da Suíça da qual nossas companheiras dos Solidarités foram grandes protagonistas!

FRANÇA

Os Coletes Amarelos (Gilets Jaunes) seguiram se manifestando em 2019 contras as medidas de austeridade do governo de Emmanuel Macron. As mobilizações foram tamanhas que o presidente não conseguiu ir ao país vizinho - Suíça - para participar do Fórum Econômico Mundial. Agora, o colete amarelo se tornou um símbolo francês e diversas pessoas o utilizam nas mobilizações na França, incluindo nas greves que estão explodindo em Paris por parte dos trabalhadores da saúde em defesa de melhores condições de trabalho e saúde na França.

ESTADOS UNIDOS

Desde de 2017, o movimento das mulheres norte-americanas tem sido protagonista dos enfrentamentos ao governo de Donald Trump. Em 2019, isso não foi diferente, conforme demonstrado nos atos do 8M. Com a diferença de que os professores entraram em cena e paralisaram os EUA junto a outros servidores públicos e instauraram o caos no país também contra o projeto racista e xenófobo de Trump de construir um muro na divisa com o México e separar famílias de migrantes em verdadeiros campos de concentração na fronteira sul.

CHILE E BRASIL

Milhares de mulheres em toda a América Latina saíram as ruas no 8 de março por direitos. O Brasil e o Chile deram a linha: atos gigantes mostraram o peso e a força do movimento feminista e o protagonismo das mulheres nas lutas contra o regime.



AMERICA

TRABALHADORES DO MUNDO:
UNI-VOS!

QUEM FOI DE AÇO NOS ANOS DE CHUMBO

**POR VANESSA VIANA DO JUNTOS! MG
E MARAYA MELO DO JUNTOS! CE**

Em 2019, nossa geração de lutadores no Brasil se encontra diante de novas tarefas para enfrentar o governo de Jair Bolsonaro que se elegeu contando mentiras para o povo desesperado por alternativas à crise econômica e política no Brasil. Uma dessas tarefas é relembrar a história da Ditadura Militar (1964 - 1985), pois o presidente e seus apoiadores tentaram comemorar a data do golpe militar que fechou o regime democrático no Brasil. Na época, o discurso era que seria um governo temporário, mas durou 21 anos perseguindo ativistas, professores e estudantes que se recusaram a aceitar um Brasil sem liberdade.

Há 40 anos a UNE finalmente voltou a legalidade. Esse fato histórico deve ser valorizado. A juventude foi "de aço nos anos de chumbo", organizando assembléias, congressos da UNE e mobilizações em tempos que esses atos eram ilegais e poderiam custar (e custaram) vidas. A UNE é um patrimônio histórico mas também uma ferramenta, prova de que o movimento estudantil tem longa trajetória. Muitos centros acadêmicos dos estudantes que estão lutando hoje homenageiam em seu nome outros estudantes que tombaram.

Por exemplo, Luis Eduardo Merlino, jovem militante trotskista e estudante da USP que foi assassinado pelo ídolo de Bolsonaro, o Brilhante Ustra.

A Ditadura Militar acabou em 1985, quando se iniciou um processo de redemocratização. As perseguições e assassinatos não terminaram em 1985, famílias continuavam perdendo seus filhos e filhas sem saber seu paradeiro. E a palavra "fim" tem um sentido vago quando a Lei da Anistia foi aprovada, um simulacro de conciliação entre torturadores e torturados que foi a semente da Nova República e do Estado Democrático de Direito. Apenas em 2013 a Comissão Nacional da Verdade inicia um trabalho fundamental pela memória, organizando documentos, vídeos e entrevistas com as famílias dos desaparecidos ou aqueles que sobreviveram e deram seus relatos. A Polícia Militar opressora e racista, a milícia organizada e a eleição de Jair Bolsonaro em 2018 são "viúvas da Ditadura" que não podemos ignorar. Valorizar a União Nacional dos Estudantes é também ter responsabilidade de cobrar que essa entidade se radicalize com a luta pela educação pública e contra os cortes!



"Nós, jovens dos anos 60, fomos muito lutadores e enfrentamos muitos desafios porque acreditávamos fervorosamente em uma sociedade nova, a sociedade socialista. E vocês, jovens de 2019, precisam acreditar ainda mais. Porque a crise hoje é muito grande e o socialismo com liberdade será a única saída para uma vida justa e livre. Para se manter sempre jovem e enfrentar os desafios que serão cada vez maiores, e não menores, haja vista que este sistema em que vivemos está apodrecido, não bastando lutar pela educação. Este sistema não dará nenhuma perspectiva de vida digna e livre aos jovens. Por isso, é necessário acreditar no socialismo com liberdade e pensar, em cada luta que travamos (ganhando ou perdendo), que acumulamos forças para esse caminho."

PEDRO FUENTES, FUNDADOR DO PSOL E EDITOR DO PORTAL DA ESQUERDA EM MOVIMENTO.



"Participei ativamente do movimento de resistência à ditadura militar quando estudante da UnB. Fui presa e torturada pela polícia política nos anos de chumbo. Não desisti jamais da luta de resistência, em defesa da democracia, da liberdade e do socialismo! É hoje neste momento conturbado do nosso país esse papel cabe à nossa juventude. Organizar e resistir."

MANINHA, MILITANTE DO PSOL DF.

HONESTINO VIVE!

O movimento estudantil brasileiro tem algumas tarefas para seguirmos resistindo. Há muitos anos, a UNE é dirigida pelos mesmos setores e tem se rendido aos grandes acordos em vez de seguir na mobilização para barrar os retrocessos. Em 2019, já ocupamos as ruas, em grandiosos tsunamis da educação, contra os ataques do governo Bolsonaro, contra a reforma de previdência e exigindo a saída imediata de Weintraub, ministro da educação, que nega o diálogo com a classe, além de fazer provocações e ameaças. Uma de nossas tarefas é seguir mobilizando para continuarmos com as lutas em defesa da educação, defendendo os direitos da classe trabalhadora e barrando a reforma da previdência.

No último dia deste congresso também é o marco de exatos um ano e quatro meses do assassinato de Marielle Franco, companheira de luta que representa muito do que somos: mulher, negra, LGBT, da periferia. É nosso dever conectar as lutas dos estudantes com a luta dos movimentos sociais para seguirmos firmes na defesa de nossos direitos. Nossa grande tarefa é não cessar na luta pelos nossos direitos, não baixarmos a guarda para que este governo reacionário implante seu projeto de desmonte da educação e da previdência. Todas essas tarefas passam por uma democratização da UNE, para que a entidade abandone os velhos vícios e seja tão combativa quanto já foi um dia, construindo e mobilizando pela sua base. Construir uma alternativa antirracista, LGBT, feminista e ecossocialista deve ser nosso horizonte.

INDICAÇÕES DE LIVROS:


SÓ MAIS UM ESFORÇO
VLADIMIR SAFATLE

Uma reflexão sobre a vida política brasileira, à luz dos processos globais do capitalismo e do esgotamento das velhas esquerdas.


OUTUBRO
CHINA MIÉVILLE

Um relato original da Revolução Russa contendo todas as descobertas arquivísticas pós 1989.


DROGAS
HENRIQUE CARNEIRO

A história do proibicionismo e como ele se desenvolveu em regimes de direita e esquerda.

INDICAÇÕES DE FILMES E SÉRIES:


DESLEMBRO
FLÁVIA CASTRO / 2019

Drama sobre o período da anistia na ditadura brasileira.


ROMA
ALFONSO CUARÓN / 2018

A rotina de uma família de classe média, na Cidade do México nos anos 1970, é controlada de maneira silenciosa por uma mulher, que trabalha como babá e empregada doméstica.


DEAR WHITE PEOPLE
JUSTIN SIMIEN / 2018

Série da Netflix que retrata o racismo no ambiente acadêmico estadunidense.


AMARELO / EMICIDA, PABLO VITTARE E MAJUR

Fazendo uma ode à Belchior, a música cantada por três novos nomes da música brasileira traz a luta das LGBTQs, negras e negros por um país mais justo.

BANDITISMO POR UMA QUESTÃO DE CLASSE / CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI

Clássico do manguebit de 1994 mostrando a pior face do sistema.

NOS BARRACOS DA CIDADE / GILBERTO GIL

O projeto de descaso público da burguesia brasileira em uma música. "Gente estúpida, gente hipócrita.."

escuta aí

juntos *indica*



juntos

A LUTA
DAS MULHERES
MUDA O
MUNDO



LUTE COMO
MARIELLE